

Seção depoimentos

O Fundo de Construção da Cidade Universitária e o Instituto Butantan Entrevistas com os arquitetos Osmar Antonio Mammini e Carlos Henrique Heck

1.
Os projetos de Mammini e Heck foram publicados na Revista Acrópole, n. 331, ago 1966, p. 32-34. A matéria versava sobre plano de remodelação do Instituto Butantan e seu título é Planejamento do Instituto Butantan. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/331>>. Consulta em 17 julho 2018.

2.
Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto (1910-1987) foi governador do Estado de São Paulo de 1953 a 1963.

Introdução

Em 2017, decorridos exatos 50 anos em que foram desenvolvidos projetos de novos edifícios para a produção e biotério do Instituto Butantan, julgamos oportuno dar voz àqueles que estiveram diretamente envolvidos em seu planejamento, os arquitetos Carlos Henrique Heck e Osmar Antonio Mammini.

Fruto da vontade da instituição em modernizar-se, com o apoio do governo estadual – e do convênio firmado entre o Fundo de Construção da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira (Fundo CUASO) –, o prédio da produção chegou a ser parcialmente construído, enquanto o Biotério de Criação só restou registrado em desenhos¹.

Aproveitando-se do momento em que a Cidade Universitária ganhava impulso para ser definitivamente implantada na gestão de Carvalho Pinto², o Instituto, que se encontrava estagnado, ganha alento e novo impulso ao receber recursos para atualizar-se e ampliar seu papel no panorama de cuidados com a saúde pública, particularmente em sua especialidade: a produção de soros e vacinas.

No final dos anos 1950 e início da década seguinte, segundo um programa de necessidades apontado pela direção do Butantan, o Fundo CUASO esboça um plano geral para novas e modernas construções que viriam a complementar e, em certos casos, substituir as existentes consideradas, à época, velhas e ultrapassadas. O resultado

desse trabalho foi publicado no periódico especializado *Acrópole* (1966, p. 31-41) – revista de arquitetura e construção que circulou em São Paulo entre os anos de 1938 e 1971.

Em 1966, ao verificar que necessitava expandir sua equipe, o Fundo CUASO desloca arquitetos para atualizar esse plano e desenvolver o projeto de execução dessas construções – particularmente, os que abrigariam o setor de produção, considerado vital e razão de continuidade do Instituto. Assim, foram alocados nesse trabalho os arquitetos Carlos Henrique Heck e Osmar Antonio Mammini, que montaram estúdio numa das casas ainda parcialmente ocupadas da vila dos funcionários, então recém-construída.

As entrevistas a seguir, com o professor Carlos Heck e Osmar Mammini, foram realizadas entre julho (Mammini) e outubro (Heck) de 2017, na presença de Sérgio de Simone e Sabrina Acosta, pesquisadores do Laboratório Especial de História da Ciência do Instituto Butantan – especialmente para este número do Cadernos.

Deixamos aqui registrado nossos agradecimentos pela gentil atenção com que Osmar e Carlos nos receberam e dispuseram-se a compartilhar de suas experiências de vida e de trabalho; contribuindo, dessa forma, para o registro e a divulgação de particularidades da construção permanente da memória do Instituto Butantan.

OSMAR ANTONIO MAMMINI



Resumo biográfico

O arquiteto Osmar Antonio Mammini é aquarelista, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e membro do conselho consultivo da revista Técnica. Formou-se em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 1959. É titular do escritório O. A. Mammini Arquitetura e Urbanismo desde 1986. Foi gerente de produtos e gerente de análise de mercado na Eucatex e sócio-gerente da HDO Incorporadora e Construtora.

Participou dos seguintes projetos para o Instituto Butantan: Edifício de Produção e Biotério de Criação (1966) – ambos em coautoria com o arquiteto Carlos Henrique Heck; Plano Geral do Instituto Butantan (1966); Vila dos Funcionários do Instituto Butantan (1964/1965); Reforma e ampliação do Museu Histórico do Instituto Butantan (1965); Reconstituição em réplica da antiga cocheira da Fazenda Butantan (1981).

3.

Christiano Stockler das Neves (1889-1982) foi arquiteto e professor. Entre seus inúmeros e importantes projetos, destaca-se a Estação Júlio Prestes (1922) que recebeu prêmio de honra do 3º Congresso Pan-Americano de Arquitetura, realizado em Buenos Aires, em 1927 – comporta a atual Sala São Paulo (1999). Foi o criador do curso de arquitetura (1917) na Escola de Engenharia e da Faculdade de Arquitetura (1947), ambas da Universidade Mackenzie, permaneceu no cargo de diretor e professor de composição até 1957, ano em que se aposentou. Para aprofundamento, vide: NEVES NETO, Christiano S. das. Christiano Stockler das Neves - o Arquiteto Concreto. São Paulo: Dialetto, 2008; Enciclopédia Itaú Cultural – verbete Christiano Stockler das Neves: Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa443402/christiano-stockler-das-neves>. Consulta em 23 julho 2018.

Entrevista realizada em 27 de julho de 2017, na residência do arquiteto Osmar Mammini, por Sergio de Simone (Entrevistador 1) e Sabrina Acosta (Entrevistadora 2).

Mammini:

Minha família morava em Perdizes, e eu fiz o ginásio no Colégio Batista Brasileiro, que ficava na parte mais alta do bairro. Daí, na hora de fazer o colegial já fui direto para o Mackenzie porque achei que fazendo o colegial no Mackenzie eu tinha mais chances de prestar vestibular lá. E de fato fiz o meu curso colegial no Mackenzie e depois prestei vestibular e entrei na arquitetura. Daí, naquela época, não era velho como estou agora, então tinha alguns costumes diferentes: eu velejava, e conheci o pessoal da vela, mackenzistas, engenheiros, que velejavam e iam à caça submarina. Então, a gente ia ao litoral, aos fins de semana, para mergulhar, pegar peixe. Pegamos vários peixes diferentes; e quando me formei eu estava meio perdido porque só tinha servicinhos assim que você pega, mas não era nenhum emprego propriamente dito. E, aí, montei o meu escritório que era na Rua Marconi, no centro da cidade – naquele tempo era fácil parar o carro ali, na biblioteca, e ir a pé aquele pedacinho para o escritório.

Entrevistador 1:

Qual o ano de sua formatura?

Mammini:

Eu me formei em 1959, no Mackenzie.

Entrevistador 1:

Que já era a faculdade de arquitetura. Estava separada...

Mammini:

Me formei como arquiteto.

Entrevistador 1:

O diretor era o Christiano Stockler das Neves³.

Mammini:

Ele foi diretor enquanto eu estava na faculdade; mas, quando me formei ele já não era mais diretor. Christiano era um tipo bem estranho.

Entrevistador 1:

Ele era defensor de uma arquitetura mais tradicional.

Mammini:

É isso aí: era.

Entrevistador 1:

...e tantos os alunos do Mackenzie quanto da Universidade de São Paulo estavam querendo "arejar" um pouco a escola...

Mammini:

É verdade. Inclusive, a gente fez, naquela época – fez coisas que o jovem costuma fazer: fizemos, inclusive o enterro do diretor.

Entrevistador 1 e 2:

Risos.

Mammini:

O Luiz Elebardo Pinheiro Prezer, arquiteto também, ele se dedicou a fazer avaliações (mas no campo jurídico), ele se vestiu de padre e foi na frente.

Entrevistadores 1 e 2:

Risos.

Mammini:

Daí o Christiano não aguentou e pediu demissão.

Entrevistador 1:

E me diga uma coisa: dos seus professores do Mackenzie, quais te impressionaram mais... vamos dizer, jogaram luzes na sua carreira.

Mammini:

Quem era mais, vamos dizer assim, dedicado, mais sério e não ligava muito para condições, vamos dizer

4. Trata-se da publicação do catálogo da exposição realizada no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) *Brazil builds: architecture new and old, 1652-1942*, em 1943, cujos autores são o arquiteto Philip L. Goodwin (1885-1958) e pelo fotógrafo e arquiteto George Everard Kidder Smith (1913-1997), que apresentou a produção da moderna arquitetura brasileira à época. A mostra colocou o Brasil e seus arquitetos em grande evidência internacional – particularmente nos Estados Unidos. O evento também atingiu objetivos políticos, pois ocorreu sob a égide da chamada “Política de Boa Vizinhança”, praticada pelo governo norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial. O impacto produzido pela nova arquitetura brasileira influenciou as subsequentes gerações de arquitetos brasileiros, como atesta o depoimento de Mammini. Para ler a publicação: Disponível em: <https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_2304_300061982.pdf>. Disponível em: 23 jul 2018.

assim, de projeto moderno; mas ele cuidava da parte técnica de construção – foi o Nobauer. O Nobauer me ensinou a desenhar escada, reta, curva, de maneira que nunca mais errei o desenho de escada. Ele era realmente um cara bom.

Agora, o assistente do Christiano era um bajulador... Esse eu não achava grande coisa, não.

Entrevistador 1:

E, assim, dessa época da arquitetura brasileira, da arquitetura internacional, quem lhe saltava aos olhos?

Mammini:

Eu tenho aí, ainda, se quiser eu posso buscar, um livro que foi editado em 1942 sobre a arquitetura brasileira. Mostrando a arquitetura brasileira antiga, colonial, e a arquitetura moderna; inclusive projetos do Oscar Niemeyer, que não tem nada a ver com o que ele fez depois, né? ... completamente diferente, bem diferentes.

Entrevistador 1:

Que é o livro que foi editado nos Estados Unidos.

Mammini:

Foi, foi... *Brazil Builds*⁴.

Entrevistador 1:

Se não me engano quem organizou foram dois americanos

Mammini:

Conhece, né?!

Entrevistador 1:

Recentemente foi reeditado.

Mammini:

Lá aparece o projeto que o Niemeyer fez naquele parque em Minas Gerais, a...

Entrevistador 1:

A Pampulha.

5. Eduardo Marcondes Machado (? - 2005) foi Professor Catedrático em Pediatria do Departamento de Clínica Médica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (HC-FMUSP). Foi um dos idealizadores do Hospital Universitário (HU), ainda na década de 1970. Inaugurado em 1981, no HU funcionou apenas a maternidade e a pediatria. Além disso, Marcondes idealizou o Instituto da Criança no HC. Formou-se médico pela FMUSP em 1954 e era filho do Dr. Pedro de Alcântara Marcondes Machado, também professor em Pediatria na FMUSP.

Mammini:

A Pampulha. Muito bom.

Entrevistador 1:

É um grande projeto. Ícone da arquitetura brasileira, certamente. E que o lançou a fazer Brasília, posteriormente

Mammini:

Me formei e comecei a fazer só projeto de residências; daí comecei a me interessar pelos projetos de saúde. Então, resolvi trabalhar no Butantan para fazer alguma coisa a respeito. Eu realmente fiz projetos, na época, muito bons. Fiz, inclusive, o projeto para uma fábrica de insulina que era de uma firma canadense e quiseram examinar o anteprojeto. Daí, levei para que eles verificassem. Eles examinaram, examinaram, chegaram para mim e disseram: podemos fazer uma proposta para você? Quer vir trabalhar aqui com a gente? Era um laboratório canadense que fabricava insulina no Canadá e vinha depois fabricar no Brasil. Também não deu certo porque aí houve mudanças políticas e, como sempre, "chutaram" o projeto fora. Isso, há vinte anos mais tarde, fizeram essa fábrica, bem mais "micha", lá no Rio Grande do Sul, para fabricar insulina.

Entrevistador 1:

E o trabalho do Hospital Universitário?

Mammini:

Hospital Universitário é o seguinte: depois que terminei o Butantan, eu voltei à Cidade Universitária e fiquei cuidando da parte médico-odontológica. Então eu fiz o projeto da Faculdade de Odontologia, da Faculdade de Medicina Veterinária, e fiz o Hospital Universitário e as unidades intermediárias. Quem me ajudou muito na época era um médico que já faleceu também, o Eduardo Marcondes Machado⁵. Ele era pediatra e queria criar um curso de medicina muito interessante. Aí, eu consegui na época uma viagem de estudos da Inglaterra para conhecer os hospitais com fundo social, porque na Inglaterra é tudo socializado. Não é grande coisa, mas é muito melhor que aqui.

Entrevistador 1:

Mas até hoje tem um padrão de atendimento muito diferenciado.

Mammini:

Fiz o Hospital Universitário, e fazia parte da comissão de construção, que a gente fez uma concorrência internacional para construir o hospital e equipar o hospital. E aí fizemos o Hospital que está lá, mais para o lado do Butantã (bairro). Ficou interessante e eu trouxe coisas curiosas que infelizmente não quiseram aceitar no Brasil. Por exemplo, no Canadá eu vi um hospital cujo hall de entrada, o chão era de um carpete grosso com quadrados soltos. Eu falei: porque fazem isso aqui? Hospital não devia ter... contamina. Eles disseram, não, justamente, a gente faz no hall de entrada porque o cara vem da rua, não limpa o sapato, ele anda nesse carpete e aí é obrigado a limpar o sapato no carpete. E a gente, uma vez por semana, recolhe isso tudo, põe na máquina de lavar, redistribui e tem mais uma semana de piso limpo. Achei curioso, porque, realmente... não quiseram aceitar, tanto é que fizeram o hall principal do Hospital Universitário em granito. Quer dizer, o típico acabamento, vamos dizer assim, que dá mais trabalho porque não traz os valores do material. Mas, enfim, ficou bom... Inclusive eu fiz uma coisa que aprendi com esse Vallejo (Aristides Vallejo-Freire, diretor entre 1963 e 1966), lá no Butantan, de criar um andar intermediário, entre um piso e outro, para passar toda a instalação. Então, por exemplo, no Butantan (Instituto) fiz isso nas salas todas, e no Hospital Universitário também, nesse andar. Então, quando precisava ligar alguma coisa, o operário subia no andar intermediário e via onde precisava ligar, ou água, ou luz, ou o que fosse, ligava, abria o forro, passava para baixo e pronto. Tinha um equipamento novo, já ligado, sem precisar quebrar nada. E isso funcionou, por incrível que pareça, 35 anos sem precisar mexer no hospital.

Entrevistador 1:

Quer dizer, eram novos conceitos de projeto.

Mammini:

Eram coisa que na época, ninguém... por exemplo, todo o teto do ambulatório era um jardim. A turma dizia: mas que loucura, imagina um teto "assim, todo ajardinado". Hoje em dia está na moda... fazer o teto com vegetação. Naquela época, eu tinha feito o ambulatório todo o teto jardim. Na época, não tinha ainda as placas solares de energia elétrica, mas eu pus placas solares de aquecimento de água. Economizava um caminhão de óleo por semana, esquentando água... tinha dois mil metros de placas solares em cima da casa de máquinas, que eles esquentavam a água que entrava a 30 graus na caldeira. Praticamente não precisava gastar energia.

Entrevistador 1:

Que bárbaro, isso. E foi em que ano, Dr. Osmar?

Mammini:

Olha, isso foi em 1980 a 1983, por aí.

Entrevistador 1:

Foi a inauguração do Hospital (em 1981 – observação nossa). E esses outros trabalhos, a Faculdade de Odontologia?...

Mammini:

Odontologia, eu tinha feito... só que aí, o diretor do Fundo de Construção da Universidade de São Paulo queria fazer pré-fabricados, mas fabricado na obra. Eu falei: Meu Deus do Céu! O "cara" não sabe o que vai fazer. Porque quando você faz um pré-fabricado, tem um processo de fabricação, constrói as peças, leva para o lugar e monta. Não! Ele fazia as peças todas no lugar; então, tinha duas desvantagens. Primeiro, porque ia muito mais concreto, não tem continuidade e tem muita junta e dá muito vazamento. Enfim, paciência.

Entrevistador 1:

Sei. Pré-moldados no canteiro de obras.

Mammini:

Era moldagem *in loco*. Então, não adianta. É muito mais inteligente construir a estrutura de concreto inteira, porque usando a emenda de uma peça na outra, diminui o esforço e gasta muito menos concreto, muito menos aço. Mas também não adiantou...

Entrevistador 1:

A outra escola foi a Faculdade de Farmácia?

Mammini:

Não. Medicina Veterinária. Esta está de frente para a Av. Corifeu de Azevedo Marques.

Entrevistador 1:

Mas não foi feita em pré-moldados?

Mammini:

Uma parte dela ainda foi feita em pré-moldados, pré-moldados moldado "in loco"!

Entrevistador 1:

(Risos) A ideia do pré-moldado era ter uma unidade fabril, fabricação em série.

Mammini:

O "cara", infelizmente... os brasileiros não olham a coisa como elas são.

Entrevistador 1:

Sobre a reforma da cocheira, para transformar no Museu do Butantan, como foi?

Mammini:

Encontrei o trabalho iniciado, já haviam removido muitos revestimentos. E, aí, eu não tinha o que fazer. Eu consegui salvar alguns azulejos que eram art nouveau e dei de presente para a Faculdade de Arquitetura, que era lá na Rua Maranhão, pertinho do Mackenzie. Dei de presente para eles porque foi o que sobrou, infelizmente.

6. Refere-se do atual prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU – USP.

7. João Batista Vilanova Artigas (1915–1985). Arquiteto, engenheiro, urbanista e professor. Formou-se engenheiro-arquiteto pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli/USP), em 1937. Foi um dos fundadores do Instituto dos Arquitetos do Brasil – IAB/SP (1944) –, da Faculdade de Arquitetura e urbanismo da USP (1948). Foi autor de extensa e importante obra arquitetônica que influenciaria as próximas gerações de arquitetos e professores adeptos da arquitetura moderna, da qual foi pilar da vertente chamada de “Escola Brutalista Paulista”. Sua contundente militância no Partido Comunista Brasileiro custou-lhe a cassação de direitos políticos, entre 1969 e 1979. Para biografia de Vilanova Artigas, vide Enciclopédia Itaú Cultural, verbete João Batista Vilanova Artigas. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13159/vilanova-artigas>. Para “Escola Brutalista Paulista”: ZEIN, Ruth Verde. A arquitetura da escola paulista brutalista 1953–1973. São Paulo | Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Tese de doutoramento. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5452/000515405.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Consulta em 16 dezembro 2018.

Entrevistadora 2:

Já tinham destruído tudo?

Mammini:

Já tinham destruído tudo.

Entrevistador 1:

E essas peças, hoje, devem estar aqui na Cidade Universitária?

Mammini:

Porque a FAU mudou também para a Cidade Universitária⁶, projeto do Artigas⁷, inclusive, mas eu não sei se eles trouxeram também essas peças, porque não são peças, vamos dizer assim, muito importantes, são apenas curiosas, né? Eram bonitas, realmente, eram importadas da Alemanha.

Entrevistador 1:

Pois é, era importante essa sua notícia porque nós vamos fazer uma visita lá para saber se eles têm essas peças. É possível que tenham, eu vou à biblioteca, eu vejo, assim, tijolos, algumas peças assim não chegam a ser um museu, mas estão expostas.

Mammini:

Muito bom.

Você quer dar o roteiro e eu vou falando a respeito?

Entrevistador 1:

Tá bem...

Mammini:

No Mackenzie, porque não tinha prova de Português, vê se pode, hoje eu sou membro da Academia de Letras em Campos do Jordão. E eu fiz Mackenzie, entrei em sétimo lugar e lá fiz o curso todinho de Arquitetura. Depois, quando veio a “redentora”, eu perdi o emprego, então eu fui trabalhar de desenhista com um colega de turma. E aí, ele me falou: “Olha, na Cidade Universitária estão procurando arquitetos, vai lá, se apresenta que é possível que

8. Mario Rosa Soares, arquiteto e urbanista, trabalhou no escritório técnico do fundo para construção da Cidade Universitária Armando de Sales Oliveira e, à época, por intermédio do convênio firmado entre o governo do Estado de São Paulo e o Instituto Butantan, planejou e projetou obras deste Instituto. Também foi responsável pela versão final do projeto do Edifício da Reitoria da Universidade de São Paulo (1961). Em 1967, traçou o plano preliminar de implantação da Cidade Universitária de João Pessoa. Faleceu em 1978.

9. Hélio de Queiroz Duarte (1906–1989) foi arquiteto urbanista e professor reconhecido por projetos escolares baseados na obra do pedagogo Anísio Teixeira (Escola-Parque). Formou-se em 1930, na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. Após estadia em Salvador, BA, mudou-se para São Paulo (1944), onde participou do programa do governo paulistano conhecido por “Convênio Escolar”, em que projetou escolas, bibliotecas e teatros. A partir de 1955, tornou-se diretor do Escritório de Engenharia e Arquitetura da Cidade Universitária de São Paulo e membro do conselho-superintendente da Comissão da Cidade Universitária da USP – posições que ocupou até 1960.

10. Jorge Wilhelm (1928–2014), foi urbanista, arquiteto, administrador público em São Paulo. Formou-se arquiteto pela Faculdade de Arquitetura Mackenzie, na década de 1950. Projetou, entre diversos trabalhos, o Parque Anhembi (1967–1973), a sede do clube A Hebraica (1961), a reurbanização do Vale do Anhangabaú. Foi Secretário de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo (1975–79); duas vezes Secretário de Planejamento da capital paulista (1983–1985 e 2001–2004); Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (1987–1990); além de presidente da, Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo (Emplasa) (1991–1994).

eles te contratem”. Eu fui e, olha, coisa rara, me contrataram em 15 dias. Não pediram muita coisa, não, fizeram só alguns testes. Ai me alocaram no Instituto Butantan porque já tinham projetos encomendados por arquitetos de nome, inclusive. Tinha vários... e o que já estava construído era a vila de operários do Instituto, que quem projetou foi o arquiteto Mario Rosa Soares⁸, já falecido. E eu então instalei o meu escritório numa casinha dessa vila e comecei a trabalhar no Instituto.

Entrevistador 1:

Só voltando um pouquinho, o escritório técnico de projetos e construção da Cidade Universitária ainda era dirigido pelo Hélio Duarte⁹?

Mammini:

Não.

Entrevistador 1:

É, isso tem registro, a gente consegue recuperar. E aí, como que se deu essa relação sua com o Butantan? De onde que partiam as encomendas?

Mammini:

Quando me mandaram para o Butantan, o diretor do Instituto, já falecido, era o Aristides Vallejo Freire. Ele acha que aqueles projetos que tinham para o Instituto eram todos, vamos dizer assim, mais para a ascensão dos arquitetos do que para promover o Instituto, propriamente. Então ele não os quis, ele preferiu fazer tudo novo.

Entrevistador 1:

Dentre esses projetos, tinha projeto do Jorge Wilhelm¹⁰?

Mammini:

Não. O Jorge como um bom “malandro”, ele pegou o pátio... o meu projeto de produção que ficava em frente à avenida que entra na Cidade Universitária tinha sete pavilhões e um prédio de seis andares, que eram todos os laboratórios de produção. E o pátio de serviços desse prédio da produção ficava ali perto da Escola de Polícia. E o Jorge conseguiu na conversa que sumissem com o pátio

de serviços e dessem para ele fazer um teatro, qualquer coisa que ele queria lá. E aí, ele começou e não acabou até hoje, está lá pela metade.

Entrevistador 1:

Entendo. A gente pode checar, talvez seja o prédio que o Butantan retomou que é o...

Entrevistadora 2:

O Paço das Artes.

Mammini:

Ah é?

Entrevistadora 2:

Que é dentro da Cidade Universitária, logo na entrada. Ao lado da Academia de Polícia.

Mammini:

Então é.

Entrevistadora 2:

E tem também um complexo ali que também ficou abandonado, devia ser continuidade desse...

Mammini:

O projeto que eu fiz para a produção do Instituto Butantan acabou sendo construído apenas dois pavilhões dos sete que tinham e não se construiu mais nada. Aí fizeram os galpões lá porque o Vallejo queria uns prédios realmente de concreto, sabe, o vidro era duplo com persianas dentro, para regular a entrada de sol e não tinha...

Entrevistador 1:

A entrada de luz e controlar...

Mammini:

De luz, de calor, tudo. Era um prédio relativamente bom, mas não fizeram mais nada depois. Deram o pátio de serviços para o Jorge Wilhelm fazer o tal teatro e acabou. Agora, fora isso, a gente fez naquela época, também, o projeto do prédio do Biotério ficava lá em cima, já quase

na divisa com propriedades particulares, que quando fizemos o projeto, naquela época tinha uma coisa curiosa, até: não tinha como fazer uma caixa elevada, uma caixa d'água, então eu fiz o projeto de uma caixa d'água que levou o apelido de empadinha, porque era uma caixa que ficava apoiada em cima do terreno e com uma casca, casca de 4, 5 centímetros só cobrindo para guardar a água que dava pressão o suficiente para trazer água para todo o Instituto. Então, essa "empadinha" ficou vizinha de onde seria o Biotério que aí, também, um outro diretor que eu não sei quem foi deu o terreno do Biotério para outro laboratório particular também, quer dizer, eles estraçalharam o Instituto, né?

Entrevistador 1:

E nesses dois projetos quem lhe auxiliou foi o Carlos Henrique Heck?

Mammini:

No projeto do Biotério. o Biotério... ainda hoje, eu considero esse projeto para o Instituto Butantan um dos melhores projetos de biotério que existe, porque a vida do animal não muda. Então, a gente não tem muito que evoluir. Nós fizemos, então, um projeto de biotério em que tinha dois corredores: um limpo e outro, sujo. Entrava-se pelo corredor limpo e a saída era pelo corredor sujo. No porão, tinha uma galeria com esguicho de alta pressão para lavar, para tirar todo o excremento, tudo que tinha nos animais. Era muito bom. Tinha o laboratório de testes, de pesquisa para os animais que estavam sendo criados. Eu tenho até a revista aí – não sei se vocês já viram.

Entrevistador 1:

Nós temos cópia da Revista *Acrópole*.

Mammini:

Acrópole, isso.

Entrevistador 1:

Foi a partir dela que chegamos para essa entrevista.

11.

Mário Machado de Lemos (1922-2003). Médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, foi Secretário de Saúde do estado de São Paulo nos governos Laudo Natel (1966-1967 e 1971-1975), ministro da saúde do governo Emilio Garrastazu Médici de 1972 a 1974, trabalhou na Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Organização Panamericana da Saúde (OPAS).

Mammini:

Realmente, foi um projeto muito bom. O da produção foi um projeto tão bom, que ele foi... o governo federal queria criar um centro médico lá em Brasília para determinação de produtos como tem nos Estados Unidos, um laboratório que verifica quando existe uma doença qualquer; então, aquele laboratório vai trabalhar naquele tipo de doença para conseguir tratamento e aí, vamos dizer, produz o remédio para isso. Então, eu peguei um projeto no Butantan às pressas, levei para o Mario Machado de Lemos¹¹ que era o ministro da saúde e mostrei para ele. Só que quando eu cheguei lá, o terreno que seria para fazer esse projeto já tinha... perdido o direito, não podia mais no terreno, então o projeto ficou perdido.

Entrevistador 1:

Se perdeu. Isso foi em que ano? Desculpe.

Mammini:

Agora você me pegou.

Entrevistador 1:

Já nos anos 1970?

Mammini:

Eu acho que foi nos anos 1970, sim. Esse Mario Machado de Lemos era um... ele era até bom como Ministro da Saúde, apesar de ser da "cupinchada dos milicos", mas trabalhava muito bem.

Entrevistador 1:

Mas, voltando à cocheira, o atual Museu?

Mammini:

Aconteceu logo que eu entrei no Instituto, eles só tinham construído a vila dos operários, né, então quiseram fazer esse simpósio internacional, então eu transformei a estrebaria num auditório cercado por um museu, inclusive com vitrines, vamos dizer assim, de animais peçonhentos; que, no caso, eram mais cobras do que outra coisa para o pessoal ver e até que deu certo, porque não teve falha nenhuma: os estrangeiros que vieram ficaram encantados.

12.

Trata-se do atual prédio do Museu Biológico, construído em 1916, originalmente construído para servir de estrebaria para cinquenta cavalos, àquela época ficou conhecido como Cocheira Nova.

13.

Mauro Álvaro de Souza Camargo (1874-1941) foi engenheiro-arquiteto formado pela Escola Politécnica de São Paulo (1901). Foi diretor do Serviço de Engenharia Sanitária de São Paulo, onde projetou e construiu, entre 1910 e 1919, o Prédio Central, o Serpentário, a Cocheira Nova (atual Museu Biológico), o Quiosque de Recepção de Serpentes (atual Bilheteria) do Instituto Butantan.

Realmente... e a gente manteve o estilo da estrebaria, que a estrebaria foi construída realmente em 1909¹². Então, ela tinha o estilo da época que é *art nouveau*... com aquela janela que parecia ferradura...

Entrevistador 1:

Aquele projeto é do Mauro Álvaro... Mauro Álvaro de Souza Camargo¹³.

Mammini:

Não. Eu não lembro. Eu posso dizer que fui no DOP antigo Departamento de Obras Públicas do Estado de S. Paulo, atual Companhia de Projetos e Obras – CPOS, do governo do Estado) para procurar o projeto original e não encontrei. Ai, conversa, amizade com os funcionários e tal, eles me contaram que antigamente, os projetos eram feitos em papel vegetal com tecido fininho dentro para não rasgar. Então, as mulheres do DOP lavavam os projetos, dissolviam o papel e pegavam aqueles tecidos fininhos para fazer lencinhos.

Entrevistador 1:

(Risos)

Entrevistadora 2:

Inacreditável, né?

Mammini:

Inacreditável! É Brasil. Infelizmente, aqui as coisas não funcionam como têm que ser.

Entrevistador 1:

Porque eram desenhados em linho, né?

Mammini:

É... era linho, só que com uma capa de papel vegetal por cima. E então eu não consegui, então eu fiz o projeto praticamente dirigindo a obra, mesmo, sabe? "Faz assim, faz assado, tal...". E tentei manter a cobertura que foi o mais difícil, porque a cobertura era toda de chapas de fibrocimento presas com pregos de cobre; mas, depois, com

14.

Formado em arquitetura, esteve associado ao irmão Carlos na década de 1960. Recém-formados, em 1964, integraram a equipe que conquistou o 2º lugar no concurso para monumento alusivo à fundação de Goiânia. O projeto premiado foi publicado na Revista Acrópole, edição 312 de novembro de 1964: Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/312/38>. Acesso em: 23 jun 2018.

a evolução, eles quiseram trocar o telhado e eu não sei o que fizeram lá. Eu não mandava mais, então eu não sei.

Entrevistador 1:

É, eu acho que atualmente, é telha cerâmica, não me lembro se é francesa ou capa e canal (capa e canal – observação nossa), alguma coisa assim.

Mammini:

Mas a estrutura era metálica, muito boa a estrutura e a cobertura era em placas...

Entrevistador 1:

De fibrocimento já, né? E eu não sei se comentou, mas, o convite partiu de quem para esse trabalho?

Mammini:

Olha, foi esse Aristides Vallejo Freire, era um diretor dinâmico do Instituto; inclusive, na época, ele queria transformar o Instituto em fundação e isso foi a derrota dele. Fizeram uma campanha contra ele que jogaram ele para fora. E agora, o Instituto virou Fundação, né? Quer dizer, ele fez há trinta anos o que infelizmente ninguém aceitava. Mas ele era muito bom, inclusive, digamos assim, ele participava, ia nos escritórios ver os projetos, sabe? Ele queria se interessar por tudo.

Entrevistador 1:

Bem, mas os trabalhos que foram feitos com o escritório técnico... a partir do escritório técnico da Cidade Universitária, só o Carlos Heck participou nessa sua equipe?

Mammini:

Foi. Na minha equipe só participou o Carlos Henrique Heck. Ele tinha um irmão, o Jorge (Conrado Jorge Heck¹⁴), que não participava. O irmão dele trabalhava lá também.

Entrevistador 1:

Mas na parte da Cidade Universitária, não é mesmo?

Mammini:

É, na parte da Cidade Universitária. Isso.

Entrevistador 1:

Uma outra curiosidade que temos é sobre a reconstrução da estrabaria que o Vital Brasil...

Mammini:

Ah! Isso aí é uma história interessante. O Butantan tinha um biotério construído nas ruínas de uns barracões de animais que eles tinham lá no fundo. E eles queriam fazer... descobriram um pedaço do muro desse primeiro laboratório do Vital Brasil e queriam reconstruir. Então pegaram um funcionário antigo do instituto e o funcionário antigo já veio dizendo: "Não, aqui o laboratório não é assim, é assado...", eu falei: "Espera aí. Esse..." – tem lá um eucalipto dessa idade –, e eu falei: "Esse eucalipto já existia quando o Vital Brasil fez e, no entanto, está ao contrário do que você disse, 180 graus. Então, você me desculpe, mas está errado". Aí, eu mandei escavar e descobrimos que realmente o que eu tinha visto pela árvore que existia no lugar, que o laboratório antigo era lá. Aí, eu fui no depósito de velharias lá do Instituto que tem um depósito lá atrás do prédio, onde tem a biblioteca e pegamos a escrivinha, armários, tudo e nós restauramos aproximadamente...

Entrevistador 1:

O que poderia ter sido o laboratório, escritório do...

Mammini:

Está funcionando até hoje, né?

Entrevistador 1:

É, virou o Museu Histórico do Butantan.

Mammini:

Foi feito assim.

Entrevistador 1:

Aquela parte anterior que tem uns pisos de tijolos foram descobertos nessa época ou foram refeitos?

Mammini:

O quê? A partir do que você diz...

Entrevistador 1:

Eu imagino que esse prédio, vamos dizer assim, esse galpão estava dividido em duas partes...

Mammini:

Ele está perto daquele hospitalzinho de tratamento...

Entrevistador 1:

Isso.

Mammini:

E nós fizemos piso novo, tudo novo, porque só tinha um pedaço de muro desse tamanho, não tinha mais nada. E nós pegamos tijolos antigos, madeira antiga para fazer o telhado, tudo, sabe, para tentar reconstruir o mais próximo da realidade.

Entrevistador 1:

Então... é que tem uma parte que se julga que seria a estrebria nesse galpão, que tem pavimento de tijolos antigos, inclusive, tipo canaleta para escoar água de lavagem, coisa assim.

Mammini:

Não, não é no laboratório que foi reconstruído, não. É outra parte. É onde tinha esse tal biotério que eu falei, que inclusive, nem sei que fim levou, não sei onde que eles estão criando animais porque destruíram o biotério e não construíram um novo.

Entrevistador 1:

A Sabrina sabe dizer, talvez, alguma coisa.

Entrevistadora 2:

Tem... ficou naquele prédio do meio que era o primeiro laboratório, onde se reproduziu, o biotério ficou aos lados, ficou tanto do lado esquerdo, quanto do direito. Eles andaram reformando, tem um prédio ali, reformaram os espaços e eles funcionam ali. Os animais, se eu

15.

Wolfgang Bucherl (1911-1985) biólogo formado e nascido na Alemanha, chega ao Butantan em 1939 trabalhando até sua aposentadoria em 1967. Foi responsável pela organização do Laboratório de Artrópodes, participou da idealização e organização do museu do Butantan no prédio Afrânio do Amaral, transferido posteriormente prédio da antiga cocheira (Cocheira Nova - 1916) em função da realização do Simpósio Internacional Sobre Venenos Animais realizado em 1966, no Instituto Butantan.

16.

Sylvia Lucas foi diretora do Laboratório de Artrópodes e da Divisão de Biologia. Pesquisadora principal do projeto Biota/Fapesp: Biodiversidade de Arachnida e Myriapoda do Estado de São Paulo, responsável pela identificação das aranhas Mygalomorphae coletadas e recebidas pelo Instituto Butantan.

17.

Hélio Emerson Belluomini (1924-2014) médico veterinário, foi chefe do serviço de animais peçonhentos do Instituto Butantan.

não me engano, ficam do lado de cá, do lado esquerdo, de quem vai... olha pra... vai pra... olhando para a Cidade Universitária, às costas, né? Então é como se o museu ficasse no meio dos dois Biotérios ali. Mas tem alguns camundongos, coelhos, não tem tantas coisas. E as serpentes estão todas lá mais pra baixo.

Mammini:

É tudo mais pra baixo, né?

Entrevistadora 2:

Isso! Tem uma só para as serpentes.

Mammini:

Quem tomava conta...

Entrevistadora 2:

Com o Dr. Wolfgang¹⁵ que ajudou no projeto do museu.

Mammini:

O Wolfgang, eu lembro muito dele. Ele, inclusive, dizia uma coisa curiosíssima. Que a gente não dá importância para as aranhas, mas que a terra tem 8 aranhas por metro quadrado.

Entrevistadora 2:

(risos)

Muito mais do que as cobras. Ele foi... o Wolfgang teve um papel importante nesse estudo das aranhas. Ele que organizou o Biotério das Aranhas também, que é um outro lugar diferente; e ele que tocou a seção de aracnídeos e depois, a Sylvia¹⁶ herdou isso, né? Ele saiu e ela acabou assumindo essa chefia junto com o Hélio¹⁷, trabalhou com o Hélio...

Mammini:

Enfim...

Entrevistador 1:

E de seus trabalhos, fora essa área do Butantan e da área hospitalar e médica...

Mammini:

Eu tinha outros trabalhos digamos assim, que não tem nada a ver com isso, que eu fiz, por exemplo, eu fiz a maior atacadista de autopeças de São Paulo da marginal do Tietê, a Decar, fui eu que fiz. Eu fiz também... deixa eu ver o que mais... uma fábrica de autopeças em Osasco, toda pré-fabricada, montava tudo, cobertura de concreto, punha aqui em cima, chegavam as peças pré-fabricadas, montava tudo e infelizmente, não deu certo. Os herdeiros não souberam tocar, fecharam, infelizmente. Então, tem um monte de serviços assim, alguns deram certo e outros, não. Essa de autopeças deu certo, está funcionando até hoje. Mas essa fabricante de... era fábrica de coxins, de borracha grudada no aço, eles fundiam a borracha no aço para servir de apoio para os motores. Infelizmente, querem reformar de acordo com a conveniência deles; não pode. Você tem que reformar de acordo com o que se permite. Eu fiz projeto de reforma três, quatro vezes e na hora de construir, eles mudavam. Aí não dá, né? Falta um pouco de dedicação. Paciência.

Entrevistadora 2:

Assim, quem voltou nosso olhar para o nome do Osmar, foi um rapaz que trabalha com a gente que se chama Rodrigo Angeloni. Ele é filho do Angeloni que foi um empreiteiro que trabalhou com você.

Mammini:

Puxa vida!

Entrevistadora 2:

E ele falou: "Vocês precisam falar com o Osmar, ele fez coisas importantes aqui, vão entrevistá-lo". E ele mandou um abraço para você, o pai dele, acho que faleceu o ano passado, se eu não me engano, ou ano retrasado. E aí, foi só para rememorar o pai do Angeloni, que relembrava com carinho da sua figura, dos trabalhos que realizou com você.

Mammini:

Que coisa, hein?! Eu nunca mais ouvi falar dele. Enfim, o tempo passa, a gente tem que se enquadrar, né? Morava ali no Butantã.

Entrevistadora 2:

Isso! Isso mesmo.

Entrevistador 1:

Bom... de nossa parte...

Entrevistadora 2:

É, acho que era isso.

Fim da Entrevista.

18.

Trata-se da Escola Nacional de Arquitetura, em Grenoble. Fundada em 1925, é uma das mais prestigiadas instituições de ensino superior em arquitetura na França.

DEPOIMENTO DE CARLOS HENRIQUE HECK



Resumo biográfico

O arquiteto Carlos Heck graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1964), especializou-se em Museologia pela Universidade de São Paulo (1965), em Evolução Urbana pela Universidade de São Paulo (1967) e em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1997). Possui mestrado em Arquitetura e Urbanismo também pela Mackenzie (1998). Exilou-se na Europa, ao final de 1971, por conta de suas posições políticas, a partir do endurecimento do Regime Militar, com a promulgação do AI-5, em 1968. Nesse período trabalhou como arquiteto para a empresa SN Cooke Partners, SNC&P (Birmingham, Inglaterra – 1972/1973). Exerceu atividade docente na UPAG – Unité Pedagogique D'Architecture de Grenoble (França)¹⁸. Entre 1965 e 1969, exerceu atividade no Escritório de Planejamento e Construção do Campus Universitário de São Paulo, FUNDUSP (antigo Escritório

Técnico da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira – Fundo CUASO). Foi nomeado presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico – CONDEPHAAT (1997-1998), e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (1999-2002). Atualmente é Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-MACK).

Entrevista realizada em 19 de outubro de 2017 – Entrevistadores: Sergio de Simone (Entrevistador 1) e Sabrina Acosta (Entrevistadora 2).

Entrevistador 1:

Bom, eu gostaria que o professor se apresentasse para ficar registrada a sua trajetória como arquiteto, depois sobre sua importante atuação na administração pública, especialmente ligada à preservação do patrimônio brasileiro e paulista. Além disso, anteriormente, participou de momento em que se pesou a ideia de modernização do Instituto Butantan, assim, pari e passu com a Cidade Universitária que estava sendo erguida ao lado.

Heck:

Então, eu agradeço o contato, é satisfatório você ter uma vida profissional e depois as pessoas virem conversar a respeito disso. Inclusive, você passa a lembrar de coisas que ficam numa caixinha lá, meio perdidas, né? E aquela frase: "Recordar é viver", passa direitinho.

Eu me formei na FAU-USP, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, quando era na rua Maranhão, aqui do lado... vizinho do Mackenzie – faz de conta que não estamos no Mackenzie (risos gerais). Havia muito intercâmbio e foi uma época muito rica em termos de Cultura Brasileira, porque foi década de 1960, o corpo profissional pedagógico, professores eram de alto nível. Os melhores professores catedráticos de técnicas, materiais de construção, mecânica do solo, fundações, essa coisa da tecnologia construtiva era na Poli. O grupo de arquitetos na sequência do aprendizado na questão do projeto, e do desenho, no sentido do pensar, também

19.
Trata-se do engenheiro Dr. Telêmaco Hippolyto de Macedo van Langendonck (1909-1994), professor do Departamento de Tecnologia da Arquitetura FAU-USP e emérito da Escola Politécnica da USP. Doutor em concreto armado e resistência dos materiais. Foi pesquisador no Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo (IPT-1935). Foi sócio fundador da Themag Engenharia Ltda, empresa que projetou as usinas hidrelétricas de Ilha Solteira e Jupia, entre inúmeras obras importantes.

20.
José Carlos Figueiredo Ferraz (1918-1994) foi Secretário de obras no governo de Ademar de Barros (1957-1958), Secretário Estadual de Transportes no governo de Roberto de Abreu Sodré (1967-1971), prefeito da Cidade de São Paulo (1971-1973), professor do Mackenzie, da FAU-USP, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) e da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP). Seu escritório de engenharia - Figueiredo Ferraz - Consultoria e Engenharia de Projeto S.A - realizou o projeto estrutural do Museu de Arte de São Paulo (MASP), entre inúmeras obras de relevância.

21.
Flávio Lichtenfels Motta (1923-2016) foi professor, historiador da arte, desenhista e pintor.

22.
Nestor Goulart Reis Filho. Arquiteto (1955) e sociólogo pela Universidade de São Paulo (1962). Atualmente é professor catedrático FAU-USP e leciona História e Teoria da Arquitetura e Urbanismo. Tem inúmeras publicações sobre o assunto.

era de alto nível. Me lembro de alguns, que presto homenagens, e depois, havia Departamento de Teoria, História da Arquitetura, História da Arte; e, em alguns momentos, envolvidos com questões urbanas, de atividades teóricas – economistas, sociólogos –, um time multidisciplinar, vamos dizer assim, na parte conceitual, na parte da sabedoria. Então, uma escola (FAU-USP) muito bem montada onde o papel relevante era do professor Artigas – o arquiteto e professor João Vilanova Artigas –, que resultou numa série de discussões – chamávamos de Fórum –, que já existia antes da minha chegada; e que prosseguia anualmente, (na busca de) um programa de ensino mais contemporâneo, por departamentos. Resultou no prédio da FAU, que hoje se encontra na Cidade Universitária. Famoso, apreciado, (o prédio) tem lá uma série de significados e símbolos da arquitetura contemporânea universal, brasileira e paulista e que é modelo de aprendizado para a arquitetura; e que cria uma praça coberta, uma circulação conectada com o campus. Você chega em um nível, muda-se de nível em função da rampa, onde há uma perspectiva aérea. Aí, você sobe a rampa, e ela é mais ampla ainda. Então você percebe ali a intensão do projeto. No nível da faculdade, para esclarecimento, eu me lembro de alguns nomes que marcaram a minha passagem. Alguns, acho que até estão... na parte técnica: Havia o Professor Camargo que ensinava cálculo. Depois, havia o Dr. Telêmaco van Langendonck¹⁹, e que tinha empresa que fez várias hidroelétricas do Brasil. Era o mais experiente calculista de concreto; que competia, inclusive, com aquele que foi meu professor, o Figueiredo Ferraz – José Carlos Figueiredo Ferraz²⁰ – que tinham reconhecimento internacional era um "time". Na parte teórica e histórica, eu tive um professor que foi muito influente na maneira de pensar e de ver a realidade como arquiteto, natural e artificial, a que nasce construída da terra, que foi o professor Flavio Motta²¹, com o qual eu trabalhei em um determinado momento do meu curso fazendo pesquisa, e que tinha um time pesquisando alguns pintores. Eu pesquisei 90% da obra do Flavio de Carvalho, que está registado na FAU-USP, durante o curso e na sequência, nos primeiros anos. Nestor Goulart²², Juarez Brandão, professor Gabriel Bolaffi que lecionava sociologia.

23.

Carlos Alberto Cerqueira Lemos (1925) é arquiteto e historiador. Graduou-se pela FAU-Mackenzie (1950). Participou da equipe de desenvolvimento do projeto do parque Ibirapuera e de 1952 a 1957 dirigiu o escritório de Oscar Niemeyer em São Paulo (cidade). Foi responsável pela conclusão do edifício Copan. É Professor Titular no Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAU-USP.

Heck:

Prof. Dr. Carlos Lemos²³, formado no Mackenzie dando aula de História da Arquitetura. Um dos aprendizados que eu tive e que depois, por acaso, aconteceu de atuar foi em respeito ao patrimônio construído brasileiro, da cultura brasileira. Muito, muito incentivado pelo professor Lemos e professor Nestor. Eu não me lembro de todos, quem mais?... Depois, na parte que era, vamos dizer assim, a "ameixa do bolo": Projeto. A gente tinha (aula de) projetos toda tarde, a disciplina de Projeto de Edifício duas vezes por semana à tarde. Desenho Industrial e Comunicação Visual implantado pelo querido Professor Abraão Sanovicz, foi o primeiro ano que ele deu... foi para a minha turma o primeiro ano que ele deu aula nessa reforma, reestruturação, não vamos chamar de reforma porquê... reestruturação pedagógica, que o Artigas teve um papel muito importante. E tinha duas de Projetos de Edifício e duas de Projeto de Objetos e uma tarde, Desenho Urbano, com o Prof. Lauro Birkholz, um nome importantíssimo vindo da Politécnica com a sua equipe. Na sequência de Projetos, que eu me lembro, não queria fazer injustiça, mas vamos dizer assim, dos arquitetos Plínio Croce, Gasperini, Mange, Tibau, Maitrejean, Kneese de Melo, Abelardo de Souza, Carlos Milan, Paulo Mendes da Rocha, Pedro Paulo Saraiva, Artigas... o Artigas era professor do 5º ano junto com o Pedro Paulo...

Entrevistador 1:

Então, só nomes hoje consagrados da arquitetura brasileira.

Heck:

É o que eu digo, eu fui muito feliz e olha, eu vou dizer uma coisa pra você, teria sido 110% feliz, vamos dizer assim, porque no ano que eu entrei... no ano anterior, o Rino Levi era professor e pede licença, e dois anos antes, Oscar Niemeyer reivindicou dar aula. Niemeyer não foi aceito porque o pessoal era mais conservador e vinha da tradição politécnica. Doutor Oscar era uma figura muito interessante, depois eu tive outros momentos com ele, um carioca... o Artigas tinha essa postura pública, inclusive nos textos dele, não é? Foi uma perda, porque o

Dr. Oscar vinha da chamada escola carioca ao encontro da escola paulista, que eu acho também que... crítico que fica inventando essas coisas, é escola brasileira. O Rino Levi que...

Entrevistador 1:

Que seria professor de quase todos eles, né? Um mestre, um guia.

Heck:

Então, mas o Rino, o professor arquiteto Rino Levi, eu considero, particularmente, um dos arquitetos de formação italiana, mas depois, incorporou a cultura brasileira, um dos mais importantes em detalhe da nossa arquitetura. Aí, eu cubro com uma fala que guardei do arquiteto Artigas, do professor, que no 5º ano dizia assim: "Duas coisas que vocês não esqueçam, uma é a água. A água é o inimigo número um do edifício, quando você descobre, ela já minou, então cuida de proteger", e a outra que ele dizia é que "arquitetura é detalhe". Daí eu pego essa visão do Artigas e analiso a obra do Rino, tem um prédio aqui em Higienópolis, "Prudência" se não me engano é o nome, dos anos 1950, você passa lá, até hoje, quando você observa, vai ver os detalhes de fachada, detalhes de circulação etc., etc., etc. Então essa foi a minha formação. Eu, durante a faculdade, meados do 4º ano, eu tinha a minha turminha de classe, um deles era o meu irmão que me alcançou. Mais novo que eu, me alcançou e nós abrimos um escritório, "escritóriozinho": eu o Conrado (Jorge) Heck, meu irmão e o Adilson Costa Macedo, no Conjunto Nacional. E naquela época o Conjunto Nacional não tinha dado certo o hotel, a Horsa –, a empreendedora do Tjurs transformou a parte do hotel em escritórios. Teve gente que comprou três, quatro quartos, derrubou muro; inclusive, o Paulo Mendes da Rocha teve escritório lá, que o pai tinha... como engenheiro, tinha montado lá. É engraçado, fazendo um parêntese, às vezes, tinha aula com o Paulo Mendes da Rocha aqui na faculdade das duas às cinco, duas vezes por semana, à tarde, ele saía, ia para o escritório dele. A gente saía e ia trabalhar no nosso "escritório", porque fazíamos desenhos (não tinha computador, não é?), no traço Graphus (marca de caneta para desenho – observação nossa). A gente dizia: "arquitetos

são os cidadãos da língua preta", você limpava a caneta na língua. E encontrava com ele lá, a gente não sabia que ele tinha um escritório. Um dia, nós descemos para tomar um café, 19:30, 20:00 horas e damos de cara com ele. E aí a gente tinha aula de arquitetura, podia falar mais do que falava na faculdade: de profissional para profissional. Então tive uma formação sortuda, vamos dizer assim, né? Em função desse "escritorinho", num determinado momento, no correr do 5º ano, já formado, o meu irmão foi trabalhar na Cidade Universitária, nesse... escritório...

Entrevistador 1:

Era o escritório técnico da Cidade Universitária...

Heck:

Quem conduzia era um arquiteto carioca muito famoso à época... foi da turma do Oscar(Niemeyer), qual que era o nome dele? Professor Doutor...

Entrevistador 1:

Não era o Hélio Duarte?

Heck:

Não. O Hélio Duarte era professor na faculdade, também, de Projetos. Era companheiro do Hélio Duarte, da mesma turma do Rio de Janeiro, Dr. Paulo de Camargo, foi um dos primeiros diretores, na Cidade Universitária. Bom, vamos ver se eu me lembro. Conrado foi trabalhar lá. O Adilson foi trabalhar com o Guedes, que o Joaquim Guedes também foi nosso professor. O Guedes tinha um escritório ao lado do Conjunto Nacional, ali na Padre João Manuel e o Adilson encontrava com o Guedes também no Conjunto Nacional, ia comprar pão, sei lá, tinha aula também de arquitetura. E aí, ele disse que ia contratar jovens para o escritório dele, ia fazer uma entrevista num determinado dia, lá, o Adilson... eu não me interessei, o Conrado já estava encaminhado para a Cidade Universitária e o Adilson foi trabalhar com o Guedes. E eu fiquei ainda, teimoso, né? Quando o Adilson vai para o Guedes, eu e o Conrado, meu sócio, já estávamos formados, ele já estava trabalhando na Cidade Universitária, já tinha um salariozinho, nós alugamos uma casinha perto da Rua Minas Gerais, numa rua chamada Travessa Buri, uma casinha térrea e ali,

a gente fez alguns trabalhos que dava pra pagar o aluguel, a gente era apoio, secretária... e quando... 1966, eu me casei... surgiu essa história do Butantan. Eu fiquei sabendo de uma... porque assim, o Conrado, eu conversava muito com ele – meu sócio no escritório –, ele vinha lá da Cidade Universitária, vinha para o escritório, sábado e domingo e eu: “Eu tô procurando emprego”, ele falou: “Olha, vai formar uma equipe para fazer a revisão dos projetos do Butantan. Tem um convênio Butantan com...”, porque a Cidade universitária é a antiga fazenda do Butantan, então, o secretário da educação, reitoria da USP com o Instituto Butantan, Secretaria da Saúde entraram em entendimento, o Butantan cedeu... o Instituto cedeu a fazenda em troca de rever o plano do Butantan. Aí, nasceu essa revisão, tem um antecedente. O antecedente é quando surge a ideia da Cidade Universitária, os dirigentes congregam os arquitetos de São Paulo que fizeram os projetos das faculdades (USP), e projetos novos do Butantan – porque a ciência e a tecnologia mudam no tempo. Quando eu era criança, fazia raio x, agora me fatiam inteiro naquela máquina. É diferente. Isso entrou como um orçamento no pacote do escritório Butantan que fazia projeto para a Cidade Universitária, tanto é que na sequência, alguns trabalhos foram guardados. Por que foi criada essa pequena equipe vinculada ao... instalado ali na entrada do Butantan, onde tem o bambuzal, tem um conjunto habitacional, umas casinhas muito simpáticas e foi ali que a gente se instalou. Eu, o arquiteto Osmar Mammini que era mais velho que eu, formado no Mackenzie, que ele era da turma de um grande amigo meu, da época de bairro, Décio Tozzi e me dei muito bem porque quando eu falei do Décio, aí eles conversaram e ficou tudo em casa. E dois projetistas maravilhosos. Você dava croqui para eles, assim, como está aqui (Heck rabisca um papel em branco), ele punha em escala direto e desenvolvia a comunicação visual do projeto “pra vender o peixe” para o diretor do Butantan. E por que foi criada essa equipe? Eu tenho, uma vaga memória..., portanto, quando eu fui participar dessa equipe, alguns projetos em função do tempo em que foram feitos e na atualização depois de alguns anos (estes) já não satisfaziam tanto a direção do Butantan. Daí eu vou fazer um salto: os meus (projetos) talvez, o meu e o (projeto do) Mammini precisam ser revistos, né? Foi

pedido o seguinte: foi feita uma análise da qual eu participava muito... eu tinha três anos de formado, eu era calouro na profissão. O Mammini já era... quer dizer, quando eu entrei na faculdade, a turma do Mammini já estava saindo da faculdade, e depois tinha um pessoal, um staff lá (o Escritório Técnico do Fundo de Construção CUASO) com uma grande experiência.

Entrevistador 1:

Não se preocupe, a gente... (Em 1965, era Diretor Executivo do Fundo para a Construção da Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira" o engenheiro Adalberto Mendes dos Santos – observação nossa).

Heck:

Chegaram à conclusão que alguns projetos tinham que ser refeitos, entre eles, a Produção, edifício que produz a vacina e o Biotério, edifício da pesquisa e que já estava entrando num novo processo científico que era já não mais tão assim, agressivo com o cavalo, fazendo a cobra morder o pescoço e ele reage contra o veneno, tira o sangue e faz a vacina, mas já na escala de ratinho de laboratório. Foi assim que surgiu o trabalho. Então, a recomendação foi rever o plano porque o Butantan. Você entrava pela Vital Brasil, chegava em frente ao Prédio Central, o resto era fazenda. De repente, você tem avenidas, vias expressas internas da Cidade Universitária, tem moradia de estudante, tem até favela, né? Tinha que rever o plano diretor... eu entendia que esses dois edifícios na época eram fundamentais para a vida do Butantan, porque ao analisar a questão fisiológica, vamos dizer assim, da picada de cobra, o outro produzia o anti... como é que se chama lá? Antiofídico. E aí, nós então refizemos o plano de massa, o desenho geral, urbanístico, via de acesso às coisas todas, e pá, pá, pá... em função dos prédios e foi estabelecido que naquela avenida principal tradicional que entra na Cidade Universitária, que vai na direção da reitoria, do lado direito tem uma escola – a Faculdade de Educação –, projeto de um arquiteto dessa turma do Rio de Janeiro, Alcides Miranda – se eu não me engano. E do lado esquerdo de quem entra, território do Butantan. Então, nós optamos por fazer a Produção ali, todo serviço de manutenção e de saída do produto encaixotado

se daria por essa avenida que penetra muito pouco na cidade universitária. E o Biotério já foi mais para o exterior, mas também, como tinha uma questão de lixo químico, foi implantado naquela subida, quando você chega na primeira rotatória, você sai à esquerda, entra logo à direita, vai na direção da Poli, lá, da FAU, tem o prédio da Geografia e tem uma avenida que desce, depois sobe e vai dar no hospital, que não tinha na época. Ao lado esquerdo era Butantan e foi ali nessa bacia que foi implantado o projeto do Biotério. Na divisão de trabalho do escritório, o arquiteto Mammini, meu colega, ficou com a Produção, porque era, digamos assim, um organograma e um programa mais complexo, entra matéria-prima produzida no Butantan e já sai ampolas na caixinha... é um projeto interessante, tem até um auditório suspenso, uma caixa bonita assim, que chama a atenção do projeto e tinha um vai e vem, né, quer dizer, eu trabalhava as minhas ideias, sentava com ele, discutia. Ele trabalhava as ideias e houve uma publicação da revista *Acrópole* sobre o Butantan e que saía assim, muito engraçado: projeto no Edifício de Produção, arquiteto responsável Osmar Mammini, colaborador, arquiteto Carlos Heck. No meu saiu: Biotério, arquiteto responsável Carlos Heck, colaborador, Osmar Mammini, uma brincadeira saudável, né? E está publicado, inclusive, na USP, Faculdade fez uma...

Entrevistador 1:

Sim, ela (a Faculdade de Arquitetura da USP) digitalizou todos os números (da revista *Acrópole*).

Heck:

Eu acho que é um bom documento para o teu interesse; aliás, vosso interesse.

Entrevistador 1:

O Mammini, nos disse que ficou muito contente com a publicação, porque foi publicada a garagem de barcos do Artigas.

Heck:

Vendeu a revista, esgotou. Era o Artigas. Na capa (do artigo), a gente pôs o... o prédio principal que tem aqui é a sede...", parece que teve um arquiteto que fez um

prédio antes na história do Butantan, não teve? (Heck se referiu ao Prédio Central do Instituto Butantan).

Entrevistador 1:

É que o prédio principal lá é do arquiteto chamado Mauro Álvaro de Sousa Camargo. É do Mauro Álvaro de Sousa Camargo, que foi o primeiro engenheiro-arquiteto formado... foi o segundo engenheiro-arquiteto formado na Poli.

Heck:

Mas voltando... Essa publicação foi... o Mammini tem razão, todo mundo, todo mundo queria ver o Artigas, mas na capa não estava o Artigas, o Artigas...

Entrevistador 1:

Exatamente.

Heck:

Eu não sei como é que... foi uma espécie de encomenda da revista para nós incluirmos o Butantan, ...especial sobre o Butantan e eu não sei como é que chegaram ao Artigas, nós tivemos sorte, né?

Entrevistador 1:

Eu também não saberia dizer, mas é um projeto muito assim, comemorado do Artigas...

Heck:

Santa Paula é o primeiro momento que ele traz a fundação à vista, você põe a mão na fundação que está segurando o prédio, é um pórtico maravilhoso, abandonado, tombado pelo Condephaat há muitos anos, não me lembro, está lá abandonado e de propósito. Deixa ruir, mas enfim, cultura no Brasil...

Entrevistador 1:

Mas e o resultado do projeto? Quer dizer...

Heck:

Então, no meu caso e no caso do Mammini também, eu não montei programa, eu tive que responder a um programa técnico científico, quer dizer, eu tive que respeitar o pesquisador, os bios...

Entrevistador 1:

Os biólogos.

Heck:

Os biólogos, botânicos, aquela turma toda. A única coisa que eu achei meio estranho na época – e eu era ainda muito jovem, eu tinha três, quatro anos de formado, eu falei... puxa vida, eu pensava comigo assim: eu passei tanto tempo na faculdade dizendo que a gente faz o habitat do ser humano, do homem, a moradia, o local de trabalho, quer dizer, vamos fazer pra ratinho, né? Olha que ironia? Mas depois, eu incorporei: quem é que cuida do ratinho? Então, tinha o cara do laboratório, tinha o cara que limpava o laboratório, tinha um monte de gente, de ser humano, mas vamos dizer assim – entre aspas – o foco era cuidar do ratinho e tirar sangue do ratinho, tanto é que, por exemplo, já não funcionaria um prédio vertical. Horizontal, térreo e no máximo, mais um e a cobertura que é o que eu fiz. Dois, tinha que ter uma circulação limpa e uma circulação suja. Três, o lixo não podia sair de lá sem ser incinerado, então você tinha uma série de compromissos técnicos... e depois, a unidade laboratorial que tinha que ter "x" metros quadrados numa distribuição já pensada, e a cada três, um vazio... porque acabou dando um retângulo, uma circulação de serviço e uma circulação de chegada. Tanto é que eu tenho um centro, no projeto, que é uma laje nervurada, inspiração na minha cabecinha, filhote do Artigas bem pequenininho ali, mas tem um jogo de rampas, também, porque você não deve copiar na arquitetura do edifício, mas você pode imitar. Você "pega" Oscar Niemeyer, 90% dos prédios dele têm rampa, cada uma com um desenho, porque a rampa é que ensina porque ela lê o espaço. Você "pega" a rampa daquela minhoca que ele faz lá em Niterói, você entra por uma, desce pela outra,

que é toda curva, porque ele quer fazer o cara ler o prédio, o mar, a montanha, Niterói, avenida, ele induz, né? Isso que é a essência na Arquitetura, isso aí é a indução, esse é o designer, esse é o desejo. É o que enriquece. E então, esse miolo e a parte térrea, se eu não me engano, desse Biotério, era uma espécie assim, de espaço para criação e testes com galinha, com cobra e com isso, tinha viveiro de cobras também. A parte de cima é que eram os laboratórios. E cada três, que eram retangulares, você tinha uma circulação suja e uma limpa, cada três, tinha um vazio para não passar, por exemplo, se tivesse alguma... não é infecção. Prédio não tem doença assim, mas vamos dizer, alguma...

Entrevistadora 2:

Contaminação...

Entrevistador 1:

Ambiente contaminado, né?

Heck:

Contaminado, ambiente contaminado. Inclusive, isso ajudou a iluminar a circulação, porque eu praticamente voltei tudo para dentro, para não ter... num prédio muito comprido, janelinha, janelinha, né? Então, eu iluminava pela cobertura... o pátio servia para isolar, para iluminar e para ventilar. Então você tem todo um dado técnico e programático científico, químico, onde a cobra é rainha, que você tem que tirar partido disso tudo!

Entrevistador 1:

E um programa sofisticadíssimo, não?

Heck:

Difícil, e foi um desafio e eu...

Entrevistador 1:

Muitas variáveis, muito detalhe para se estar atento, né?

Heck:

De circulação, fundamental, por exemplo, você tem que ter vestiário para os técnicos de laboratório, vestiário para o pessoal do serviço, você não entrava no laboratório, você não tinha o negócio no... que você põe... de plástico na cabeça. Tinha uma passagem de entrada... que era obrigatório e que eu tirei partido num corredor para não ficar um corredor assim, comprido. Eu quebrei em cada bloco da unidade, em vez de eu entrar de frente, porque você entrava num pequeno hall, fechava a porta, abria outra, entrava no laboratório, para isolar. Eu quebrei e pus meio assim, na diagonal. Então, tinha um ritmo que circulava no corredor, tanto de um lado, quando do outro. Tinha que ter... eu já disse, no lado do serviço tinha o incinerador de queima do lixo químico. E tinha caldeira também, porque não podia faltar água quente, essas coisas, de manutenção. Que eu me lembro. Mas o que me marcou muito foi o que deu, digamos assim, o tom do projeto, foi duas circulações: uma limpa e uma suja.

Entrevistador 1:

E professor, por que... pelo teu parecer, por que não foram implementados esses projetos? O projeto do Dr. Mammini foi em parte, muito pequena, acho que dos blocos todos projetados, acho que dois ou três foram construídos.

Heck:

Olha, eu fiquei pouco tempo nesse grupo... Inclusive, ocorreu algo interessante: no escritório na casinha, tinha lá a senhora dos funcionários, eu nem me lembro quem era o autor do projeto, um negócio muito bem arrumadinho, bonitinho, bem feito, né? Tinha uma senhora, líder das que queriam um centro comunitário para fazer bordados, fazer festas de São João, dançar, essa coisa toda e eles passavam de manhã, viam a gente... porque janela era baixa, viam a gente desenhando... e olhavam assim, e iam embora. Depois de um tempo, passavam, olhavam e cumprimentavam, tanto os homens funcionários, as mulheres funcionárias, como as que ficavam, saíam para fazer compras, passavam do nosso lado, ali. E um dia, uma delas, essa líder, cumprimentou, cumprimentou, cumprimentou...

24.
Instituto de Artes e Decoração de
São Paulo (conhecido como IADP)
foi inaugurado em 1959 e teve suas
atividades encerradas no ano de
1987.

Noutro dia, ela para e fala assim: "Querem tomar um café? A gente faz café aqui e tal... porque eu tô precisando de um trabalho de vocês..." Elas pediram autorização, deram um vazio lá (área vazia no interior do conjunto de moradia dos funcionários do Butantan – observação nossa) e o Osmar que era o líder do grupo (de arquitetos), ele saía muito. Lá em cima – o escritório era lá para trás da FAU, lá em cima, onde tem o IPT, o Instituto Nuclear. E (muita) reunião, aquela coisa toda e eu ficava mais ali (no conjunto residencial), eu fiz um desenhinho para ela, para elas irem discutir com a direção (do Instituto), eu não sei que fim... e aí, durou muito pouco a minha estadia lá, não durou quatro anos – entrei em 66, saí em 69. Aí, eu comecei a dar aula no IADP²⁴ e tinha o meu "escritorinho", né? Tudo ali meio concentrado, eu morava na Rua Maceió, dava aula na Rua Minas Gerais com a Paulista, naquele tempo não tinha aquele vazio de hoje, vivia ali naquele canto, Cine Belas Artes, Riviera, conversando com filósofos, com professores da USP e aquela conversa toda, muito produtivo. Na sequência, nessa fase... porque o duro foi sair da faculdade e cair na vida real, ir para a rua com o Golpe de Estado.

Entrevistador 1:

Sem dúvida.

Heck:

Sessenta e quatro que foi o ano que eu me formei, foi o ano do golpe, quer dizer, frustração total. E eu, num determinado momento, 68, 69 durou assim, um ano e meio, dois anos, eu apoiei a luta armada contra o regime arbitrário cívico militar, que houve vários ministros civis, inclusive, o antigo reitor (da USP) Gama e Silva, da época com que eu trabalhei no Butantan.

Entrevistador 1:

Mas hoje se sabe que muitos empresários apoiaram o golpe financeiramente, montaram sistemas de repressão, alimentaram isso.

Heck:

Eu, às vezes, eu fico refletindo, eu acho a palavra golpe, talvez, a deposição do presidente Goulart, foi

25.

A Operação Bandeirante (OBAN), órgão informal de repressão aos opositores do Regime Militar de 1964, resultou na integração de órgãos das Forças Armadas e das polícias federais, estaduais e da Polícia Militar (PM), além de contar com a atuação do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Financiada por empresários nacionais e internacionais, a OBAN funcionou de forma extraoficial e, por isso, teve amplo espaço para burlar a legislação vigente e praticar torturas e prisões indevidas sem sofrer punições legais.

uma revolução, mudou-se uma série de coisas no Brasil, em termos de Constituição, de partido político, de BNH (Banco Nacional da Habitação) que foi fundado nessa época, enfim, teve mudanças sociais, então quando você faz mudanças sociais e econômicas, é revolucionário. Não é só tira um e põe outro e deixa como está, né? Bom, tem gente que apoiou e tem gente que não apoiou. Eu acho que o terrível dessa fase foi a censura, assim o país tem um retrocesso: professor não podia falar certas coisas como nós estamos falando aqui hoje, porque ele corria o risco de ir para o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). No Mackenzie, na FAU, na Filosofia, eles tinham infiltração de alunos, já vinha "carimbado"... passou no vestibular, mas era aluno jovem, policial, informante. E o pior informante do regime arbitrário que seria em um país capitalista como o Brasil e eu conheci Varsóvia e Praga que é socialista, é o vizinho, ele é o dedo-duro, por incrível que pareça, te cumprimenta bacana, mas ele informa, mas enfim, é um outro depoimento, depois. Aí, o quê que aconteceu? Eu fui hóspede do Estado, né, não foi...

Entrevistador 1:

Convidado a se hospedar nas dependências.

Heck:

É, fui convidado. Na época, o governador era o Laudo Natel, que era nomeado também, como o Abreu Sodré. Eu sei que ele mandava laranja, todo domingo chegava um cesto de laranjas lá na Avenida Tiradentes, oferta do governador, aquela laranja vagabunda, mas... aí, eu vi direito essa coisa da violência, nós éramos cinco arquitetos, três já morreram, um está vivo e eu, estou falando, né? O quê que era a OBAN²⁵ o quê que era o DOPS? E quando eu saí, eu fui embora porque minha esposa também foi embora, quando eu fui detido, ela também corria riscos... ela vinha da Faculdade de Filosofia, da mesma época, mesmo bochicho, essa loucura. Hoje, nós estamos vivendo um momento mais atrapalhado do que aquele, sabe? Você não pode mais cantar "Boi da cara preta", né? Que você é um racista. Bom, e fui morar na Europa, eu fiquei 15 anos, 16 anos. Eu fui trabalhar na Inglaterra. Eu recebi um convite para poder justificar minha saída, porque eu não podia sair do país, eu não tinha passaporte, eu não podia

me ausentar de São Paulo, ou mais de 80 quilômetros, eu tinha que justificar. Para ir para Campinas, eu tinha que dizer que eu ia para Campinas, eu não podia ter mais atividade política e precisava arrumar emprego em três meses. Ninguém quer empregar quem passa pelos cárceres, é perigoso...

Entrevistador 1:

Baderneiro.

Heck:

Eu fui embora. Então, houve uma solidariedade de várias pessoas quando foi anunciado que a gente ia ter uma condicional e eu recebi uma carta, porque minha esposa já estava morando em Birmingham, trabalhando em um MA, em um mestrado em Sociologia da Comunicação e fez contato com o pessoal do grupo, desse centro cultural de Birmingham, que é o pessoal que fundou a New Left Review na Inglaterra. Professor Hoggart era o mentor, e articularam com o Professor Titular da Faculdade de Arquitetura a me convidar e ele me convidou. Eu peguei a carta. E também foi, à época, para a Europa, o Sérgio Ferro que fazia parte do meu grupo. Para um esquema semelhante na França. Eu estava com a cabeça muito atrapalhada, imagina?! Nesse estado, não é fácil raciocinar em português, e ainda traduzir para o inglês para conversar com o diretor. Não foi fácil.

Entrevistador 1:

Que aperto, hein!

Heck:

É, foi um aperto. Ele foi muito simpático, ele falou: "Olha, pelo o que você está falando, pelo o que entendi, é melhor você trabalhar num escritório durante um ano para ver como é que funciona o arquiteto inglês. Eu vou te trazer aqui para dentro no momento que você entender o quê que é a Inglaterra." Você pode falar de arquitetura internacional, de arquitetura universal, mas tem detalhes da arquitetura brasileira que é só brasileira na arquitetura moderna. Você pega um Carlos Milan, que foi meu professor. Ele tem muita coisa da arquitetura de moradia unifamiliar residencial em Alto de Pinheiros que tem uma

série de simbologias e de soluções técnicas da arquitetura colonial, que é diferente do colonial inglês, das casinhas de fazendinhas francesas etc. Bom, trabalhando nesse escritório, fui fazer (projetar) hospital, mas aí já era para gente, né? Diferente do Biotério: era uma preocupação com a saúde das pessoas.

Entrevistadora 2:

(Risos) Muito interessante, isso.

Heck:

Não tinha ratos, era um restauro do hospital pavilhonar, começo do século XX em Birmingham, foi bombardeado na guerra, que precisava de uma reforma, restauro e ampliação. Porque o inglês tem uma estrutura funcional, uma hierarquia muito rígida. Tem o *big boss* que é o chefe, que nasceu da equipe do fundador do escritório e os associados, que também estão dentro do escritório. Depois, têm os sócios. E do associado para o sócio, cria-se um time que vai trabalhar a habitação social, por exemplo. Outro, vai trabalhar a saúde, o outro vai trabalhar com a iniciativa privada... eu estava na saúde, nesse hospital e era uma equipe... o *big boss* a gente só via uma vez, eu vi duas, três vezes, fui acompanhar para levar o projeto no hospital para ser aprovado. O associado que era o chefe da equipe e eu, como sênior brasileiro, ele me indicou para ser o chefe da equipe, que tinha um arquiteto paquistanês, dois projetistas, um dinamarquês e um inglês, mais velho do que eu e dois estagiários obrigatórios, por um ano, de 4º ano da Faculdade de Arquitetura de Birmingham. Fui aprender coisa "pra valer", porque eles me convidavam para tomar cerveja, jovem é jovem, né? Jovem é curioso. E um casal, uma moça e um menino jovens que faziam a parte da comunicação visual, preparavam a produção de como apresentar o projeto etc., etc. Mas o associado entrava na minha sala com toda essa turma e vinha falar só comigo. Isso incomodava um pouco os ingleses da equipe.

Mas consegui, ouvindo sempre, realizar o meu trabalho nesse projeto do City Birmingham Hospital. Após esse trabalho na Inglaterra, mudei para a França. Em Grenoble, comecei a dar aulas na UPAG, a faculdade de arquitetura.

Fim da entrevista

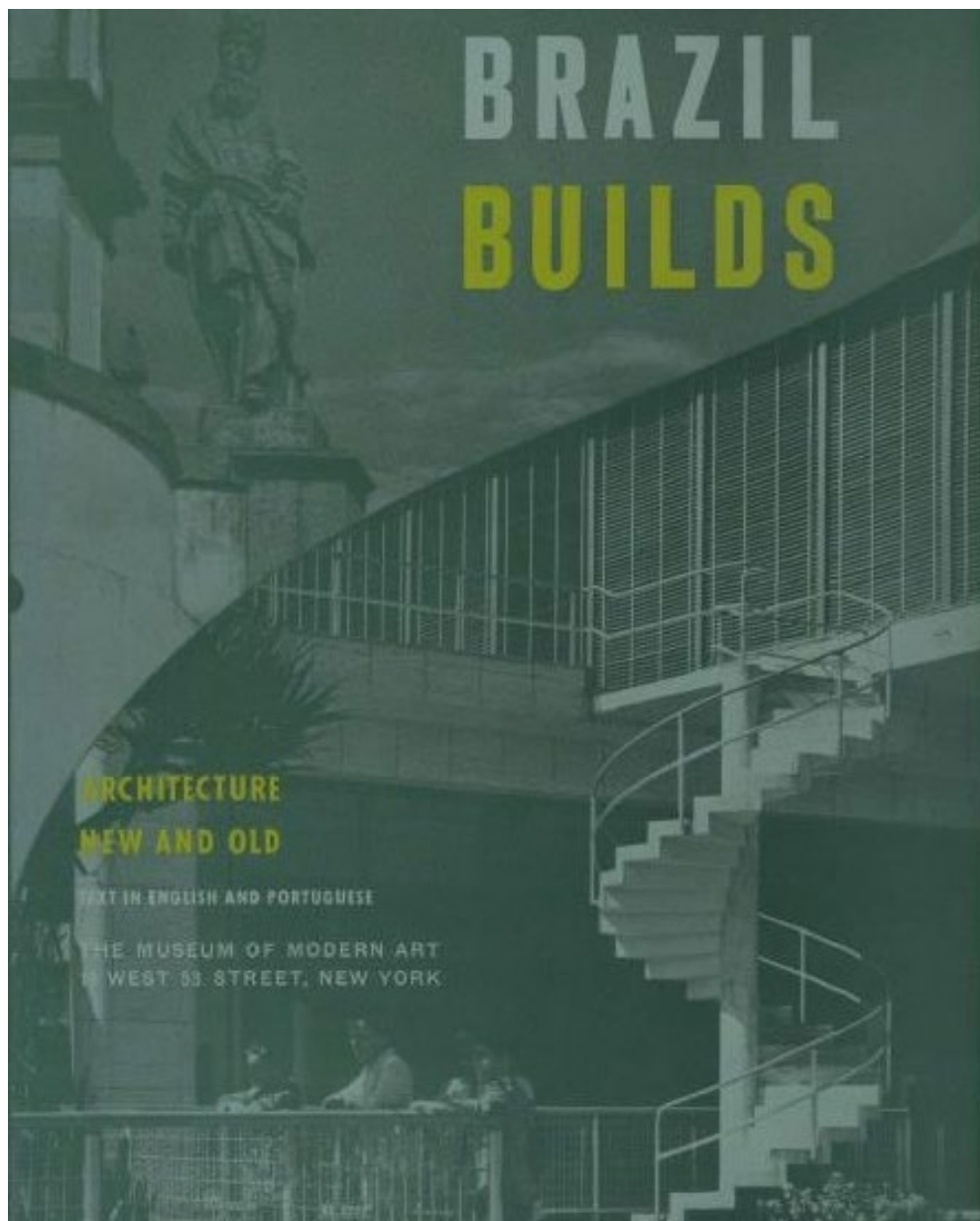


Figura 1.
Catálogo da exposição Brazil Builds –
capa – 1943. Disponível em: [https://
www.moma.org/documents/moma_
catalogue_2304_300061982.pdf](https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_2304_300061982.pdf)

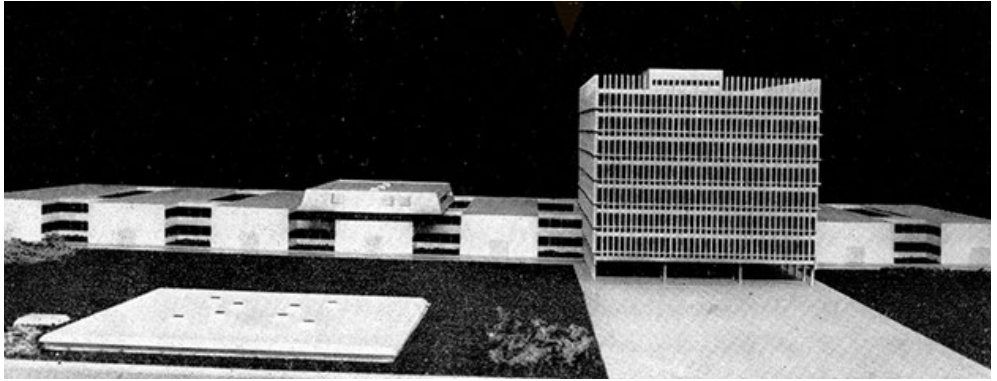


Figura 2.
Edifício da Produção, maquete, 1966.
Plano para o Instituto Butantan.
Projeto: arquitetos Carlos Heck e Osmar
Mammini. Foto: autor desconhecido.
Fonte: *Revista Acrópole*. ago 1966, ano
28, n. 331, p. 33.

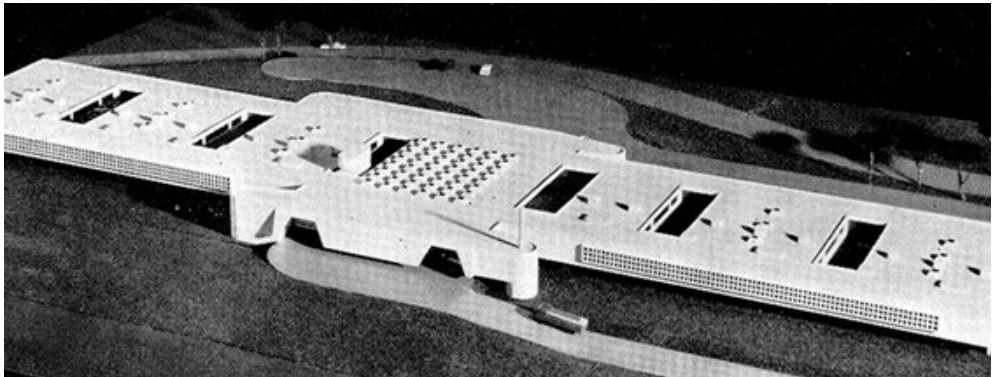


Figura 3.
Edifício do Biotério de Criação,
maquete, 1966. Plano para o Instituto
Butantan. Projeto: arquitetos Carlos
Heck e Osmar Mammini. Foto:
autor desconhecido. Fonte: *Revista
Acrópole*. ago 1966, ano 28, n. 331,
p. 34.

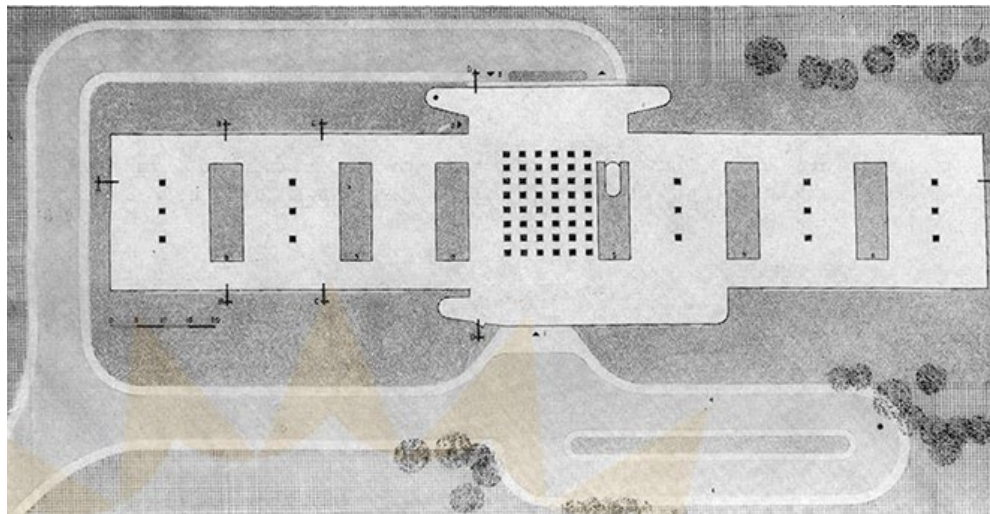


Figura 4. Edifício do Biotério de Criação, planta de situação, 1966. Plano para o Instituto Butantan. Projeto: arquitetos Carlos Heck e Osmar Mammini. Foto: autor desconhecido. Fonte: *Revista Acrópole*, ago 1966, ano 28, n. 331, p. 34.



Figura 5. Interior do Museu Histórico do Instituto Butantan, réplica da antiga concheira da Fazenda Butantan, s/d. O prédio atual foi erguido segundo direção de obras do arquiteto Osmar Mammini (1981). Foto: autor desconhecido. Acervo do Instituto Butantan/Núcleo de Documentação.



Figura 6. Interior do Museu Histórico do Instituto Butantan, s/d, réplica do antigo laboratório improvisado por Vital Brasil, em 1900. O prédio atual foi erguido segundo direção de obras do arquiteto Osmar Mammini (1981). Foto: autor desconhecido. Acervo do Instituto Butantan/Núcleo de Documentação.



Figura 7. Antiga cocheira da Fazenda Butantan, s/d. Foto: autor desconhecido. Foi a instalação original da Fazenda Butantan onde Vital Brasil improvisou laboratório de produção de soros. A imagem serviu de base para a réplica erguida em 1981, sob a direção do arquiteto Osmar Mammini. Acervo Instituto Butantan/Núcleo de Documentação.



Figura 8.

Aspecto da fachada frontal da antiga "Cocheira Nova", transformada no Museu Biológico, supõe-se segunda metade da década de 1960. Foto: Atribuída a Januário Talarico (J. Talarico). Acervo do Instituto Butantan/Núcleo de Documentação.



Figura 9.

Imagem parcial do interior da antiga "Cocheira Nova", transformado em Museu Biológico, c. meados da década de 1960. Foto: Atribuída a J. Talarico. Acervo do Instituto Butantan/Núcleo de Documentação.



Figura 10.
Vista parcial do interior do auditório do Museu Biológico, 1966. Foto: autor desconhecido. Acervo do Instituto Butantan/Núcleo de Documentação.

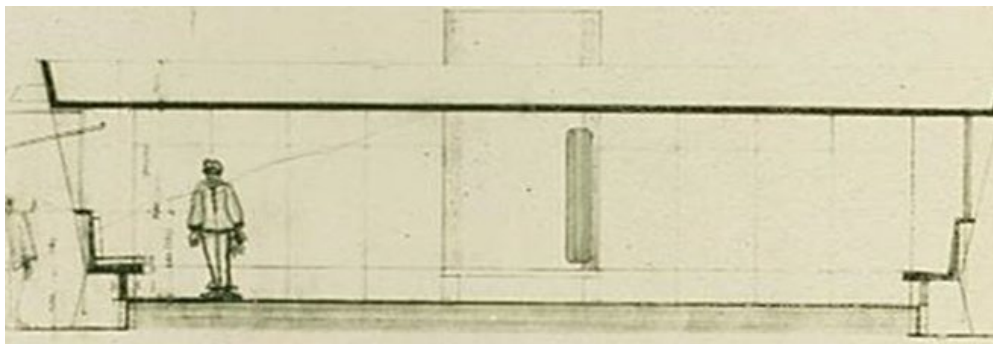


Figura 11.
Esboço para centro comunitário da Vila Residencial dos funcionários do Instituto Butantan, 1966. Desenho: arquiteto Carlos Heck. Acervo Prof. Carlos Henrique Heck.